



EMBOCADURA DO BOSPHORO.

VOL. III — 3ª SERIE.

MAY 20, 1851

C. M. L.  
 GARDNER &  
 DE ... S  
 CLIP ...



## EMBOCADURA DO BOSPHORO.

ESTANDO convencidos da justiça da causa do imperio ottomano na gloriosa lucta contra as obstinadas tentativas do autocrata; causa em que se acha empenhada a Europa illustrada, e que tanto prende agora a attenção publica, achamos que serão bem recebidas dos nossos leitores todas as noticias que possamos fornecer-lhe d'aquella região, que hoje offerece no seu vasto territorio o grande theatro de uma guerra porfiosa, ou de variados e consideraveis movimentos estrategicos, e por isso apresentamos n'este numero a vista da embocadura do Bosphoro no Mar Negro; paragem hoje assas frequentada, e não menos consideravel em razão das novas obras de defeza, como ponto de alta importancia para a segurança de Constantinopola.

Antes, porém, de passarmos á descripção, cumprenos fazer ardentes votos para que o desenlace d'esta tão valiosa causa, em que a justiça está a braços com o fanatismo e com a usurpação, seja favoravel á Porta e contra os projectos do autocrata. Certamente a influencia e acção das grandes potencias civilizadas, que hoje escudam á custa dos maiores sacrificios os direitos do sultão, devem abrir para a Turquia um magestoso futuro nas suas instituições politicas; veremos erigido em Constantinopola um novo baluarte da liberdade, como padrão indelevel cimentado nas verdadeiras garantias dos povos livres e esclarecidos; sendo-nos tambem permittido acreditar e até aguardar com fé, além d'esta transformação, outra ainda mais extraordinaria e maravilhosa nas idéas religiosas; isto é, vêr o signal da redempção arvorado sobre o crescente, se a politica da santa sé souber tirar partido d'este ensejo; só esta conquista fará eternisar nos annaes do christianismo o pontificado de Pio IX.

Os viajantes da antiguidade, como os dos tempos modernos, nunca deixaram de tecer os maiores elogios, celebrando as encantadoras bellezas do Bosphoro. Este estreito une o Mar de Marmara ao Mar Negro, e tem cerca de oito legoas de comprimento, não passando a sua largura em alguns pontos de oitocentos metros, isto é, perto de meia legoa; este vocabulo inteiramente grego, significa *trajectus bovis* ou *mare angustum*, quer dizer braço de mar assas estreito que um boi possa atravessar a nado. Foi n'este estreito que Dario rei dos persas passou com as suas tropas á Europa para fazer a guerra aos scythas. O aspecto do Bosphoro é encantador; quem entrar n'este estreito, vindo do Mar de Marmara, verá elevar-se á sua esquerda sobre numerosas e verdejantes collinas em fórma triangular a *Nea-Roma*, que foi substituida pelo nome de *Konstantinou-Polis* de Constantino, primeiro imperador christão, que a fez edificar em 326 no lugar da antiga Bysancio; ou a rainha das cidades, como lhe chama um viajante moderno; a *Stambul* dos naturaes corçada de ricos aposentos e mesquitas, a cujos pés vem constantemente humilhar-se as argenteas ondas do Bosphoro. Ao aproximar-se sentirá um bulicio confuso, mas adogado pela distancia, que provém já do movimento da multidão no interior da cidade, já do movimento maritimo das grandes chalupas que transportam tropas dos navios para terra, ou das que atravessam para o mesmo fim o estreito conduzindo-as da Asia, já do trabalhar dos remadores nos elegantes escaleres do capitão bachá, ou nas ligeiras barcas que levam os officiaes do serralho, os ministros e os seus *kiaias*, e os artistas, muitos d'elles armenios que são chamados para diversos trabalhos; tudo atráe a attenção do viajante, até que fica to-

talmente surpreendido pela magnificencia d'aquelle porto, que parece inspirar uma deliciosa poesia em acção pela novidade das scenas picturescas, que de todos os lados se desabroçam aos seus olhos.

Este porto é tido por um dos mais bellos e mais seguros do mundo; e pela sua posição parece ser destinado para dar vida a uma cidade, que deveria ser a capital de maior imperio; domina em tres mares, o que lhe dá reconhecida supremacia; e é por esta circumstancia de grave importancia geographica e politica que o czar para ali aponta a sua espada impellindo os povos da sua communhão religiosa. Avulta entre as diversas decorações da natureza e da arte o magestoso palacio do sultão, notavel pelas suas portas resplandecentes e altos cyprestes no meio dos quaes se descortinam aos olhos do viajante os soberbos e alindados aposentos do serralho, povoado irregularmente de pavilhões, offerecendo assim um aspecto romantico; os ricos bazares, o caravanserá dos banqueiros, as fontes, os banhos, e em seguimento ao serralho uma serie não interrompida de palacios, de casas, de jardins dos principaes validos, ministros ou officiaes do sultão, prestam certo ar de sumptuosidade e de jubilo a esta cidade historica, olhada do Bosphoro; o serralho está edificado em um dos angulos, d'onde se gosa o panorama da deliciosa costa da Asia Menor, vista que não tem igual.

O viajante, seguindo o estreito, encontrará na mesma margem Pera, arrabalde de Constantinopola; as suas casas quasi apinhadas acham-se edificadas com magnifica profusão sobre um amphitheatro de collinas, sobranceiro á nova Roma, a joia invejada do ambicioso czar; ali costumam residir os embaixadores europeus, e é o centro da diplomacia. A sua direita verá Galata com os muros em ruínas, que recordam bellicosa memoria, contrastando-lhe na ribeira opposta as habitações pintadas d'essa grande capital, que se agrupam sobre as sete collinas de variado aspecto, e onde se elevam agigantados cyprestes que sombreiam as casas. Em summa por toda a parte se debuxam no céu graciosos mirantes dominando a soberba e immensa fabrica ou edificio de Santa Sophia, e de outra mesquita mais elegante ainda, denominada de Solimanié, celebre pela honra de possuir a barba do propheta.

Progredindo encontrará Scutari mirando-se nas suas aguas transparentes, e deixando vêr n'ellas desenhados os graciosos contornos dos seus mirantes esguios e pyramidaes, que furtivamente se escondem nas sombras dos bosques funerarios. Do alto d'uma collina proxima a esta povoação gosa-se o mais dilatado e maravilhoso horisonte que abraça, n'um só quadro, Constantinopola, Galata, Pera, os mares continuados do Bosphoro e da Propontide ou de Marmara, e as regiões que elles banham sobre ambas as margens.

Cursando ávante o Bosphoro, o viajante observará que as ondas vem mansamente quebrar-se aos pés das habitações, e depois ganhando forças acometter enfurecidas os muros do aquartelamento de Tropp-Hanné, até se communicarem com as do Mar Negro. A vista que apresenta a nossa estampa é tomada de um ponto elevado do lado de Galata, cujos muros arruinados lá se divisam na encosta que vae reclinar-se sobre o Bosphoro.

O general Andreossy, na bella descripção que fez de Constantinopola e dos seus suburbios, consagrou algumas paginas á pintura das encantadoras margens d'este estreito; todavia convidamos o leitor para que com preferencia lêa A Viagem no Oriente, de Lamartine, onde encontrará a descripção d'estes logares, não só com verdade, mas com elegancia e in-



teresse que pódem captivar o viajante que navegar pelo Bosphoro.

J. C. DA SILVA.

SUA Magestade a Senhora D. Maria II. (1)

Sunt lacrimæ rerum, et mentem mortalia tangunt.

VIRGIL.—ENEID.

Remota custodia militari, tutior publici amoris excubiis pergebat.

SUET. IN CÆSAR.

Arcum suum tetendit... et in eo paravit vasa mortis.

PSALM. VII, v. 14.

Como o Porto, Lisboa, cobre-se logo de fortificações. Organizam-se corpos de novo para as guarnecerem; e em quanto o general Saldanha derrota os contrarios na memoravel acção de 18 de agosto, o dia 5 de setembro castiga diante das linhas, ainda incompletas da capital, o valor infeliz dos inimigos.

Mas no meio do jubilo, fadigas, e cuidados da accesa lucta, que sustenta, o senhor D. Pedro tem o coração em Paris junto da esposa e da filha; e apenas as cousas se lhe proporcionam propicias trata de as chamar para o seu lado. A 7 de setembro as duas princezas saem de lá passando por Inglaterra, aonde desembarcam, e logo no dia 14 a senhora D. Maria II entra no paço de Windsor, e é recebida por Guilherme IV rodeado de toda a familia real e de uma numerosa cõrte. Achava-se tambem presente o marquez do Funchal, como nosso embaixador. Proximo a cerrar os olhos para sempre, o velho ministro portuguez ainda poudo inscrever este dia entre os ditosos da sua larga e honrada carreira.

A 17 largaram de Portsmouth os vapores conduzindo as augustas viajantes e a sua comitiva, acompanhadas por um navio da marinha britannica, enviado por el-rei; e na manhã de 22 embocavam o Tejo, tendo corrido eminente perigo de naufragio pouco antes de dobrarem o cabo da Roca. O mar estava placido, mas a imprudencia do commandante, mettendo o barco por entre nevoeiro espesso, cozido com a costa, ía urdindo uma catastrophe aonde menos devia temer-se. Meia hora depois do meio dia o duque de Bragança, ao cabo de uma separação de anno e meio, bem fecunda de amarguras, apertava nos seus braços o que mais presava no mundo; e virando-se para a rainha com certa melancolia exclamava: «Já posso morrer tranquillo agora!»

A estas palavras um véu de tristeza cobriu o rosto das duas princezas. Dos olhos, que o amor torna penetrantes, nada se esconde; e a alteração que denotava a esse tempo o semblante do senhor D. Pedro, effeito dos excessivos trabalhos, não escapou á anciedade de uma extremosa esposa, e da terna filha que tinham impressa na memoria a robustez do principe no momento de se despedir para tomar a direcção da empresa! O que havia de fatal nas phrases do imperador, e a maguada sensação produzida por ellas desvaneceram-se no meio do regosijo arrebatado d'aquelles momentos. Outras idéas, e o impeto dos affectos, affugentaram por então os máus presagios.

Quem diria que passado um anno e no mesmo mez, aquella cabeça tão magestosa descairia sobre o peito, fria da vida e do ardor, que a animavam!? Quem ousaria prever a morte proxima, quando a idade, a gloria, e a satisfação dos vastos projectos pareciam prometter-lhe uma existencia larga para vêr abençoada na ventura dos netos a sua obra, de que não chegou a gozar-se, sendo-lhe medidos pelos desenganos os curtos dias, que respirou depois da guerra!

A 23 foi o desembarque da rainha e da imperatriz, e por entre festivos applausos se encaminharam as duas princezas á antiga cathedral, para darem a Deus as graças pela feliz chegada. Pouco depois o duque de Bragança já percorria com a senhora D. Maria II as linhas de Lisboa, da frente das quaes logo traçou desalojar o inimigo acampado. Esta proeza, renovando os feitos d'armas do Porto, coròu de gloria os dias 11 e 12 de outubro; e enquanto os contrarios se retiravam em boa ordem sobre as quasi inacessiveis posições de Santarem, o senhor D. Pedro ao lado de sua esposa e de sua filha, junto do leito dos valentes de ambos os exercitos, consolava nos hospitaes de sangue as suas dôres, não distinguindo para os cuidados caridosos os adversarios dos amigos.

Mais sete mezes se prolongou ainda a lucta, mas pelejada a distancia das duas capitaes. Em diferentes pontos ao mesmo tempo se repetiram os combates. No Algarve assombra tudo o arrojo do visconde de Sá da Bandeira. O intrepido Napier á testa das suas tripulações investe e escala as muralhas de Caminha, de Vianna do Minho, e até emmudece os canhões nas baterias de Valença. Em Almoester o marechal Saldanha derrota uma forte divisão, que nada menos presumia na vespera do que proseguir sem revez na marcha triumphante para a capital. Na Asseiceira o conde de Villa Flor chega a tempo e descarrega um golpe decisivo sobre as tropas adversas. Accumulados tantos desastres contra ellas, as forças oppostas desanimam com motivo, e desocupando Santarem passam ao sul, e dirigem-se aos muros de Evora.

Finalmente em maio de 1834 a lucta civil termina pela convenção de Evora Monte, e o senhor D. Pedro, servindo-nos da expressão de um grande pintor litterario, Chateaubriand, colhe novos louros pelo triumpho alcançado da propria victoria!

Não o entendeu logo assim a irritação partidaria ainda cega de fumo das batalhas, mas a justiça e a rasão quando se encontraram no momentaneo relampago dos conflictos?

Vinte annos decorridos, e a placidez que permitem á intelligencia e ao espirito, são de sobra agora para avaliarmos a sabedoria de um acto, que levantava no meio dos furores da guerra o altar da futura reconciliação. Vencidos e vencedores eram irmãos e portuguezes; e estendendo entre os dous campos, e sobre as armas, o sceptro de ouro da concórdia, o imperador começava pela clemencia o reinado de sua filha.

Cerrar as portas da patria a numerosos subditos, castigando com desterros, e como crimes, o que muitos haviam praticado por desinteressada opinião, fôra mais do que erro, fôra crueldade. A politica além d'isso não fallava com menos auctoridade do que a generosidade e a moral. Espaçar uma hora além do necessario os horrores da lucta civil, e continual-os para obter o completo exterminio de um dos exercitos combatentes, mancharia de eternas nodoas a epocha de renovação, que se quiz inaugurar! Deixar aos menos felizes a terrivel arma da desesperação, era demencia, e equivalia a lançar um desafio

(1) Continuado de pag. 152.



audaz contra a fortuna, com as costas voltadas por ingratição para a Providencia.

*Una salus victis nullam sperare salutem!*

Quem arriscaria o Estado por intolerancia aos perigos, que aponta a maxima entalhada no bello verso de Virgilio? Quem, soltos sobre a patria os flagellos de uma carnificina sem tregua nem perdão, com os braços tintos de sangue, e o coração negro de remorsos, ousaria erguer ainda a fronte maculada?

O duque de Bragança optou pela paz, e segunda vez salvou a liberdade.

A data do acto magnanimo, que impoz silencio para sempre ás vindictas e ás iras, é a mais gloriosa de quantas ornaram o seu monumento, aonde a posteridade entrelaçará a triplice corôa de legislador, de principe, e de guerreiro.

Acabadas as facções militares, o senhor D. Pedro ainda não socega. N'aquella grande alma não coube nunca a menor inercia.

Em julho apresenta a rainha e a imperatriz ao Porto, e faz conhecidos de ambas os leaes habitantes, que sustentaram a sua bandeira apesar dos rigores da fortuna, e debaixo do açoute das adversidades mais severas, que podiam affligir a constancia humana. No meio d'aquella população briosa, tão sua por todos os vinculos de amor e admiração, o imperador patenteia o peito sem reserva, deixando lêr no fundo d'elle os sentimentos de estima e gratidão, que dedicava aos moradores do mais firme baluarte da sua causa.

São dignas de se conservarem as expressões concisas com que em 27 de julho de 1834 sauda os antigos companheiros dos seus trabalhos: « Eu me felicito a mim mesmo por me vêr no theatro da minha gloria, no meio dos meus amigos portuenses, d'aquelles a quem devo pelos auxilios, que me prestaram durante o memoravel sitio, o nome que adquiri, e que honrado deixarei a meus filhos. » Foi a despedida final! Dous mezes depois o duque de Bragança dormia em S. Vicente; e em fevereiro de 1835 o barão de Campanhã, em nome da Augusta Viuva, conduzia de Lisboa em uma urna cerrada o coração do principe, por ultima vontade sua mandado depositar na cidade, berço de muralhas da liberdade, e exemplo da fidelidade portugueza!

De volta do Porto á capital a 18 de agosto o senhor D. Pedro abre o parlamento, e fallando ao senado do paiz dá-lhe contas da sua administração com a serenidade dos corações sinceros. Nomeado regente na menoridade da rainha entrega-se-lhe o deposito do poder sem a mais leve restricção; e a 30 presta juramento em presenca de sua filha. Em 11 de setembro as côrtes dispensam no artigo 90 da carta, permittindo que a soberana pudesse casar com principe estrangeiro da escolha de seu pae; e o duque de Bragança designa o principe Augusto de Leuchtemberg, irmão da imperatriz, legando-lhe a sua gloriosa espada.

A morte adianta-se então. Quando o regente preferiu a formula do juramento no paço da Ajuda assistou a oppressão, que o anciava. A extremosa amizade dos sáditos tremeu pelos seus dias. A molestia irremediavel já lhe inclinava a frente á vista de todos. Estavam escriptas todas as letras do seu destino!

O Deus dos exercitos não lhe queria conceder mais gloria. O throno constitucional achava-se resgatado; a primeira legislatura funcionava em pleno exercicio dos principios da carta. Nada havia a

acrescentar á obra promettida ao seu nome. O periodo de provação e de fundação tinha acabado; seguia-se a epocha laboriosa da experiencia das instituições, e essa devia pagar ás illusões e aos ensaios o tributo costumado. Nenhuma nação entra na infancia de um systema sem se enganar frequentemente, umas vezes correndo adiante sem prudencia, outras volvendo atraz de mais, e por fim á custa de padecimentos tornando á estrada do meio, e assentando por ella os passos regrados, que só firma o desengano.

O duque de Bragança, homem de acção e de reforma, fechou o circulo da existencia na mesma hora, em que expirava o grande cyclo que dominou de toda a altura do seu genio.

O que restava pertencia ao tempo, e a uma politica de perpetuas e successivas transições. A gloria da senhora D. Maria II consiste em ter entendido esta necessidade do seu reinado. Levado muito depressa para a nossa saudade, não pôde dizer-se que o imperador desaparecesse cedo para a sua gloria. Vultos como o d'elle, quando se lhes acaba o grande papel na epopeia do mundo, são devorados de impacencias sublimes, como as de Napoleão e de Carlos V, e representando nas anciedades intimas o Prometheu antigo cançam-se logo da vida inerte e descorada, se primeiro o espirito, gastando o corpo, os não arrasta ao tumulto antes da idade propria, martyres de fadigas excessivas, que sentem só depois do deslumbramento da empreza!

Pesava occultamente sobre o imperador a mesma sentença, que prendeu os passos do legislador dos hebreus nos cumes do monte Nebo. Foi-lhe dado conduzir o seu povo dos penhascos da Terceira, e das praias do exilio até ás abençoadas campinas da patria; mas satisfeito o voto, e concluido o feito illustre, a sua missão estava finda, e a hora do descanço bateu logo.

*Vidisti eam oculis tuis, et non transibis ad illam!*

Os olhos deviam vêr a liberdade, obra de suas mãos, mas gozar-se d'ella, e das doçuras de uma vida tranquilla, unindo á gloria agitada das armas a gloria pacifica do lar domestico, era muita ventura para um só homem. Deus negou-lh'a!

A morte duvidou onze mezes, tendo já armado o arco, segundo a phrase do psalmista.

Um resfriamento em novembro de 1833, na passagem do Tejo para Almada, foi a causa que determinou a enfermidade. A actividade em que não abrandava, apesar de tão molesto, agravou os symptomas. Com alternativas de falsas melhoras o mal nunca deixou de progredir; e em maio seguinte tinha assumido um aspecto ameaçador.

A viagem ao Porto, apar de outras fadigas exacerbadas por desgostos, precipitaram-no; e a jornada á villa das Caldas, tentada menos para allivio, do que por delicadeza, (desejando acbar-se ausente no momento em que as côrtes votavam a lei da regencia) acabou de levar o perigo ao maior auge. Regressando a Lisboa, os actos politicos a que o obrigava a confiança da nação, e o esforço sobre si mesmo para os desempenhar, peioraram o seu estado. O imperador mudou então a habitação do palacio da Ajuda para o de Queluz, aonde nascera e aonde tinha de morrer, e vendo baldadas as applicações da sciencia, sujeito e conforme com a vontade do Altissimo, preparou-se para deixar o mundo com a mesma grandeza de espirito com que nos dias de batalha, e nos campos cruzados pela metralha, atravessára por entre os riscos, exposto como



o soldado mais obscuro, tranquillo como se as balas o devessem respeitar!

A esperança fugiu de todo do seu lado. Sentiu a vida retirar-se, e as sombras da morte crescerem a cada instante. N'esse extremo o principe quiz encerrar com o seu fim religioso o que tinha historiado nos bellos rasgos de uma gloriosa carreira.

No dia 15 de setembro dictou o seu testamento, e uma carta ao esposo designado para sua filha. A 16 resolveu e assignou em conselho de ministros as disposições urgentes, pedidas pelos negocios publicos. A 17 muniu-se devota e exemplarmente pelo auxilio dos sacramentos com as graças dispensadas na Igreja aos seus fieis afim de triumpharem no conflicto do ultimo combate; e a 18 escreveu ás côrtes participando-lhes que não podia continuar na regencia do reino, e rogando que provessem para o governo não padecer interrupção.

Poucas horas depois a senhora D. Maria II declarada maior era chamada a reger o estado sem tutela. Informado d'esta decisão, apesar da oppressão de tão angustiosos momentos, o principe abraça a rainha, consola as suas maguas filiaes, e superando a dôr a que resiste, como pae e como antigo monarcha, incute-lhe no tenro peito os mais saudaveis conselhos, que a hora, o amor, e a solemnidade da occasião infundem entre prantos na sua lembrança.

A imperatriz, esposa querida e extremosa, assistia silenciosa e heroica a todos os lances d'esta scena de commoções pungentes. Sustentada pela ternura observava tudo, e junto do leito de morte multiplicava os soccorros e as consolações, sem atraiçoar o martyrio intimo senão na pallidez do rosto. O duque de Bragança volta-se para ella, e com palavras de carinho procura suavisar-lhe o golpe da supplica, que vae fazer. O soldado da liberdade deseja que o seu coração fique depositado na cidade do Porto, theatro dos seus trabalhos, em memoria do muito que presou os heroicos habitantes. Ainda mal enxutas as lagrimas do proximo apartamento, avivadas pelas suas phrases, vira-se para a rainha, e recommenda-lhe a clemencia como primeira virtude do sceptro, e a gratidão como dever maximo dos soberanos. Depois lança-lhe a benção, e á princeza Amelia, enviando-a saudoso aos outros filhos separados d'elle pelas solidões immensas do Oceano!

A sua mão já tremula com o frio do tumulto assigna a sancção ao decreto das côrtes, declarando maior a senhora D. Maria da Gloria. N'este momento em que o novo reinado principia, segurando entre as suas a dextra da rainha, encommenda-lhe que faça ditoso o povo, obedecendo sempre á lei, ainda antes do que os subditos. Banhada em pranto, com a voz cortada de suspiros e o coração retalhado, a princeza assim o jura, e o osculo terno do pae imprime na sua frente a fidelidade da promessa. Pouco depois á saída do primeiro conselho, a que preside, a senhora D. Maria II vem ajoelhar-se ao lado do imperador, e offerece-lhe as insignias da Torre Espada. Pela primeira vez pendeu sobre o peito do senhor D. Pedro a honrosa condecoração, com que esmaltava o de tantos de seus companheiros d'armas, em testemunho de valor, lealdade, e merito. Tinha reservado á filha a fineza de lhe lançar a elle o collar da ordem no primeiro dia do seu governo.

Seguiram-se as despedidas ao exercito na pessoa do mais antigo dos seus marechaes. O duque da Terceira recebe o derradeiro abraço do general para os camaradas, beija-lhe a mão, e retira-se suffocado. Um soldado do 3.º de caçadores, Manuel Pereira, ouvindo a despedida do seu coronel, e sentindo-se nos seus braços, desfalece, e só responde com as lagrimas. De-

satado então de todas as obrigações e cuidados, o principe occupa-se inteiramente do seu fim, e com o crucifixo unido ao peito, e a esperança elevada ao céu, entrega a Deus um dos maiores espiritos, que viu o nosso seculo.

Os seus funeraes foram dignos do grande nome que legou, e do paiz sobre que reinára. A noute de 27 de setembro presenciou um espectáculo, que só dezenove annos e dous mezes depois devia tornar a repetir-se! Milhares de pessoas com tochas accesas, sem precedencia nem ceremonial, segundo convinha ao character do acompanhamento, cuja magestade era a manifestação popular, abrindo alas ante o coche até ao jazigo de S. Vicente, formaram a guarda de honra do enterro, que o senhor D. Pedro ordenara em seu testamento que fosse só de general e despido de pompas ou recordações de rei. A artilheria trovejou o derradeiro *vale*, as portas do sepulchro fecharam-se para sempre, e a saudade inconsolavel da filha e da esposa, uma nos braços da outra, velaram em pranto as horas longas e crueis da viuvez e da orphandade!

Cumpriu-se logo n'este transe o que parece ter sido o destino fadado á senhora D. Maria II. Na idade de quinze annos, tendo já supportado tantos rigores, e viva ainda no coração a nodoa indelevel da perda de sua virtuosa mãe, a rainha apenas se assenta no throno, acha de menos o braço robusto que a devia amparar nos primeiros passos, e pondo a corôa na cabeça sente-se logo trespassar dos agudos espinhos de uma amargura immensa! Quem diria as ancias e saudades d'aquelles dias de luto, em que a filha orphã, olhando para o passado o via todo de negro, como a noute do sepulchro, e contemplando o futuro, tremia e hesitava diante da estrada que ía pizar! N'esses momentos de profunda prostração, quantas vezes não invejaria ao mais humilde dos subditos a liberdade das lagrimas e o recolhimento da dôr? Como lhe pesariam os deveres do poder, e os cuidados do governo, juntos aos tormentos da alma, e aos receios naturaes de uma grandeza, cuja responsabilidade aterra os animosos, e tanto assustaria a sua inexperiencia? Mas Deus, que mede os sacrificios pelas forças d'aquelles que quer provar, tinha-a dotado de espirito viril e constante, capaz de não se curvar aos revezes, e superior tambem ás prosperidades.

A senhora D. Maria da Gloria, fiel aos desejos do imperador, entendeu que a prova de maior respeito que podia consagrar-lhe era a realisção dos projectos que viera interromper a morte, e que o senhor D. Pedro deixára adiantados. N'este proposito mandou proseguir na começada negociação do seu casamento com o principe Augusto, duque de Leuchtenberg; e o conselheiro Bayard, então official maior da secretaria de estado dos negocios estrangeiros, incumbido d'esta honrosa missão, tendo-a desempenhado, voltou a Lisboa em 25 de novembro, com a procuração do noivo ao duque da Terceira para o consorcio se effectuar. Celebrou-se a cerimonia no 1.º de dezembro de 1834, anniversario de um dia fausto para a independencia nacional e para a casa de Bragança; e a 25 de janeiro de 1835 entrava a foz do Tejo o principe Augusto, acompanhado do marquez de Ficalho e do visconde de Sá de Bandeira, antigos ajudantes de campo do duque de Bragança. No dia seguinte (a 26) recebia com sua esposa as benções nupciaes, depois de assignalar a chegada á patria adoptiva por um grande rasgo de beneficencia em favor das viuvias dos defensores da causa da rainha. A alegria de enlace tão esperançoso confortou um pouco os subditos na magua pela falta recente do imperador. As nobres qualidades que realçavam a



jerarchia do principe, e o lustre do distincto sangue dos Beauharnais que lhe corria nas veias, depressa lhe grangearam a sympathia dos portuguezes; e a escolha de D. Pedro foi applaudida como mais um beneficio do seu zelo civico, enchendo de regosijo a todos os amigos da liberdade e da dynastia fundada n'ella.

Mas a desgraça ainda não se tinha cansado de ferir o reino, e as infelizes princezas de tão poucos dias alliviadas do maior peso de uma aguda pena. As melhores esperanças seccaram em flor. O principe Augusto ao cabo de sessenta e tres dias foi roubado á ternura de sua esposa e de sua irmã, expirando a 28 de março de 1835, sem mais tempo do que o necessario para deixar a boa memoria das suas virtudes. No rapido giro de cinco mezes a senhora D. Maria da Gloria, e sua augusta mãe adoptiva, ajoelhadas sobre duas sepulturas, sentiram no coração o golpe das mais penetrantes dôres. Logo na vigorosa juventude a orphandade e a viuvez choraram nos olhos da rainha, como dezoito annos depois haviam de gemer nos soluços de seus filhos e esposo, pelo maguado lance de uma perda não esperada!

Para os que nasceram no throno, a voz do dever faz calar a dos gemidos, e o lucto ha de encerrar-se no seio mudo e resignado, occultando até os vestigios das amarguras inconsolaveis. A senhora D. Maria II, viuva com dous mezes de casada, perante as supplicas da nação, e ouvida a rasão de estado teve de acceder á proposta de novo matrimonio, e designou-se para seu esposo o principe Fernando de Saxonia Coburgó Gotha. No 1.º de janeiro de 1836, representado o noivo em sua procuração pelo marechal duque da Terceira, celebraram-se os desposorios. O principe só aportou ás nossas praias em 8 de abril, acompanhado do conde de Lavradio, negociador do casamento, e no dia immediato recebeu com a rainha as bençãos matrimoniaes no magestoso templo da cathedral de Lisboa, livro de pedra de mais de quatro seculos, e testemunha de tantos acontecimentos, que successivamente foram buscar ali com diversa fortuna a approvação e o favor divino. D'este ditoso enlace viu a luz um anno depois, a 16 de setembro de 1837, como o primeiro e desejado fructo, o senhor D. Pedro V que actualmente reina em minoridade sob a regencia de el-rei seu augusto pae.

Os successos que enchem o periodo de dezenove annos, que se contam de reinado á senhora D. Maria II, pertencem ao quadro da historia politica propriamente dita, e como taes é-nos defeso memorá-los. Os homens da geração que occupa a scena dos factos, e participa das paixões e interesses que os dominam, não pódem emprehender a pintura imparcial das convulsões civis, e do desenvolvimento social das instituições; repugna ser agente e juiz de si proprio ao mesmo passo. Depois o pensamento d'este jornal não o admite, e embora o soffresse não o consentia o respeito devido á gravidade do assumpto.

Longe de nós a arida discussão, que requeimando o espirito, tem esterilizado os segundos dias de uma epocha que surgia desatando-se em sorrisos e esperanças!

Os horisontes que se precisam alcançar para saír perfeito o desenho das epochas sempre são baixos e nebulosos na actualidade. As eminencias d'onde se contempla com segura vista o espectaculo do passado estão a maior distancia do presente, e não se vê bem d'ellas antes de illuminadas pela claridade serena do futuro.

Se esboçamos ao de leve os acontecimentos geraes

e militares que precederam a restauração do governo representativo em 1834; se á epopeia guerreira dos dous exercitos juntámos o painel de alguns dos movimentos anteriores, foi porque em ambas as descrições o perigo se affigurou menor, estando o theatro da lucta já desviado do nosso tempo, e concedendo-se por isso maiores liberdades á penna desafogada da pressão desagradavel dos preconceitos e suspeitas.

Além d'isto a imperiosa necessidade de ligar a narração coegia-nos a atravessarmos, mesmo contrangidos, por esse terreno sempre aberto de precipicios. O que resta a expor acha-se n'outro caso. Devendo celebrar as qualidades da soberana fallecida não se carece de entrar na arena em que travam quotidianos combates as opiniões politicas.

N'este regimen a esphera do monarcha está muito acima. Assiste de alto ao jogo das forças contrarias, e só intervem para moderar os conflictos, quando algum disequilibrio, ou o demasiado ardor ameaça as bases da estabilidade. O responsavel pelos actos não é elle, são os conselheiros que em seu nome governam com o voto das maiorias do senado. O principe, por uma disposição cheia de philosophia, se levanta o sceptro, é unicamente para perdoar e recompensar. Imagem de Deus representa na terra a misericordia e os beneficios!

Assim, correndo um véu sobre os factos da vida publica, sobram espaço e modo para sem prejuizo da similhança, e só com o risco da fraqueza da escripta, completarmos o que resta a dizer da primeira rainha constitucional. Os aspectos por que mais importa caracterisar-lhe a phisionomia nem de longe prendem com o bulicio e confusão das disputas do fóro e dos comicios. D'esses farão chronica em epocha adequada os que se julgarem com os hombros assás robustos para supportarem tão grande peso sem fadiga.

O verdadeiro monumento da senhora D. Maria da Gloria está no coração das populações que ainda choram a sua perda. Não se orna de marmores de fausto, mas resalta da bella e viva imagem que deixou na serie dos nossos reis pela constancia de um grande animo, e pela magnanimidade de uma generosa alma. Os seus tropheus erguem-nos ás acções da existencia, cheia de modestia e dedicação por todos os deveres de esposa, de mãe, e de soberana. Os epitaphios não lisonjeiros gravou-os para lição de principes o luto dos subditos no recolhimento da magua, e o pranto do povo inclinado aos pés do seu tumulo. Não haverá de certo muitos monarchas dos quaes a historia narre exequias semelhantes!

Não á elevação da jerarchia, e á dignidade do sceptro, mas só ao merecimento proprio deveu os dotes, que lhe esmaltam a memoria. Filha do imperador D. Pedro, não só no sangue, mas nos altos espiritos, tinha herdado de seu pae a rijesa de character, e a perseverança na virtude; dominando a fortuna pelo valor de a encarar, obrigou-a a ceder muitas vezes, e de adversa a tornar-se propicia. Em um sexo todo delicadeza e graças, a rainha unia ás prendas, que o realçam, a constancia viril, relevo de poucas existencias femininas, sobre tudo nas eminencias do poder e do nascimento, em que a ventura é facil de deslumbrar, e aonde os revezes batem mais fortes do que nas posições rasteiras e obscuras. Na idade de trinta e quatro annos, acabados de completar, com um reinado tão agitado como a epocha, perseguida e experimentada desde a infancia por toda a especie de contratempos e de perigos, os primeiros nunca a sobresaltaram, e os segundos encontraram-lhe sempre o mesmo rosto. Supe-



rava-os pela sua igualdade de animo, fructo das lições do infortunio.

Temperava o golpe das provações e desgostos com a resignação christã, sujeita aos decretos de Deus, e confiada na sua justiça. Conhecia que os espinhos do mundo ferem mesmo por cima da purpura real, e penetrando não escolhem entre o coração do soberano e o dos vassallos. Por isso as tribulações do exilio, as maguas da orphandade e da viuvez, e as incertezas das mais duvidosas luctas nunca a fizeram mudar de aspecto. Ostentava tanta serenidade como se estivesse a decidir-se uma cousa indifferente para ella nas pelepas e negociações. Em segredo, sim, quando nem as lagrimas, nem os cuidados podiam quebrantar a resolução dos outros, desaffogava-se em liberdade, pagando ás affeições o tributo de uma fina e exaltada sensibilidade.

O rosto mais severo do que risonho, que mostrava em publico, lançava sobre as suas maneiras falsa côr de altivez; porém apenas se desvanecia a excessiva modestia, e o receio de si propria, o véu de timidez rasgava-se, e as graciosas qualidades brilhavam sem a mais leve nodoa de frieza. Não era então difficiloso lêr no fundo da sua alma a bondade isempta de arrogancias; e o calor amavel de uma conversação espirituosa fazia sobresahir cheios de agrado os dotes da educação, desenvolvidos pelo engenho mais feliz.

Nos actos de caridade, a rainha presava o segredo, folgando de esconder a mão, com que soccorria. Nos lances de piedade todo o seu empenho foi igualmente disfarçar-se, e não ser apercebida. A sua aversão aos espectaculos de ostentação, e ás beneficencias estrepitosas, fazia-a buscar os caminhos mais cobertos, indicados no Evangelho para chegar sem ser vista ao fim que tinha em mente. Os inferiores recorrendo a ella sempre alcançaram o premio, ou a protecção que imploravam. Os criados da sua casa, chorando como filhos, bem mostraram a extensão da perda, que lamentavam.

Encerrando a sua carreira mortal a senhora D. Maria II legou á extremosa familia, ajoelhada junto dos seus restos, a maior consolação que pôde ter-se em dôres supremas. A voz do povo, com a verdade insuspeita, que a caracteriza, quando falla tranquillamente de paixões, foi unanime em attestar que as tentações do throno nunca macularam a pureza de uma vida, que repartida por tantos affectos e deveres, satisfiz a todos e não faltou a nenhum. O interior do paço, que nenhum véu escondia, podia tomar-se em todo o tempo que viveu, como o da rainha Filippa, mulher de D. João I, por escola e modelo de principes. Descançando das fadigas, ás vezes tão amarguradas do governo, sempre carinhosa e vigilante, a senhora D. Maria da Gloria, ali empregava os seus cuidados em affeição o tenro animo dos filhos ao desempenho das altas obrigações do seu estado. Desafectada e verdadeira, a virtude brilhava nos principios que lhes inculcava, para um dia crescendo em annos e em prendas honrarem os avós, de que descendem, e serem o melhor ornamento, e o mais formoso brazão do throno.

O successor da corôa nas risonhas promessas, com que nos acena a sua juventude, é a obra desvelada do seu extremo de mãe e de soberana. Inspirado desde o berço pelos preceitos de seus paes, allumiado desde a puericia pela educação, que incessante se emmerou em o tornar digno do solio, e do seculo em que abre o seu reinado, o primogenito da casa de Bragança recebeu o sceptro depois dos nebulosos dias de agitação, achando vencidas as maiores difficuldades internas, e acalmadas talvez por fóra as grandes tem-

pestades, com que os ultimos vinte annos assolaram a Europa.

Preparando-o pelo coração e pela intelligencia para merecer o logar mais elevado, a rainha legou n'elle á patria um vivo testemunho do seu amor, e as instituições o mais valioso penhor de duração. Se a fidelidade da mãe as deixou adultas, confiemos da capacidade e da nobre indole do filho que o seu regimen as saberá tornar fecundas e reparadoras.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

## VIAGEM AO MINHO.

### CAPITULO VI.

*O Porto ao domingo. — A devoção. — Profissão de fé do auctor. — Mulheres bonitas. — Olhos pretos das padeiras de Avintes, e olhos azues das padeiras de Valongo. — Ora porque não haviam de ser pretos os olhos verdes da menina dos rouxinões? — Simia Janota Botiquinenses. — Os Funambullos. — S. Lazaro.*

TEM-SE calumniado muito o *Janota*, sobre tudo n'estes ultimos tempos. Ignorantes e sabios, uns por falta de conhecimentos, outros por malevolencia têm concorrido todos para a falsa opinião que fórma d'este curioso individuo a maior parte da gente. Supõem-se-lhe vicios que elle nunca teve, e attribuem-se-lhe virtudes impossiveis. Não sou naturalista, mas graças a Deus! tenho bastante raciocinio para tirar d'essas apreciações apaixonadas tudo quanto ha de verdadeiro n'ellas, e deixar o que a experiencia me tem demonstrado ser calumnioso.

Deveras me pesa não ter o cabedal necessario para rehabilitar a largos traços a reputação do *Janota*; mas, para provar a minha boa vontade e a sinceridade das minhas intenções, declaro que tenho á vista todos os estudos que se têm feito sobre o assumpto, e que serei imparcial na minha apreciação.

O *Janota* foi classificado a primeira vez com bastante propriedade pelo distincto sabio Chenu, na sua obra sobre os quadrumanos. *Simia Janota Botiquinenses* é a classificação. Effectivamente o *Janota* é um accessorio de todos os cafés e botequins. Longe d'estes sitios o pobre animal sente-se deslocado; divaga cabisbaixo e soturno por sitios desconhecidos para elle, murmura sons estranhos e vae de noite conversar com os vampiros ás portas dos cemiterios. Apenas, porém, fareja os ares patrios do Chiodo, o *Janota* readquire o seu modo pertencioso e empertigado e cessa de nullar lugubrememente. O seu corpo felpudo começa a indireitar-se, as pernas listradas descrevem curvas irreprehensiveis; e principiam as libações de succo fermentado do zimbro (*juniperus communis*), de que se alimenta.

Em todas as epochas da sua existencia, mesmo nos momentos de maior satisfação é insipido e sem sabor, porém imita soffrivelmente todos os gestos do homem. Tenta-se muito com as côres vivas e desharmoniosas, por isso namora com desvanecimento as riscas do seu proprio corpo. É difficil de domesticar, e conserva quasi sempre a maior parte dos seus habitos primitivos. Naturalmente vaidoso, apesar dos poucos creditos de intelligencia de que goza, faz diligencia por mostrar entendimento.

Ha entre os pretos mandingas uma tradição curiosa a respeito do *Janota*. O *Janota*, dizem elles,



é gente, mas não falla para que o não obriguem a trabalhar. Não sei até que ponto será verdadeira esta opinião dos mandingas, mas o facto é que o *Janota* falla poucas vezes, e n'essas é insuportavel tolissimo. Porém as maiores e mais graves accusações que se lhe têm feito são devidas á paixão dominante que elle tem por todos os bonitos que vem de França; mas esta imputação é injusta, porque a origem do mal está na organização *bugia* do *Janota*.

O *Simia Janota Botiquinenses* é oriundo do Chiodo aonde apparecem aos bandos. No Porto encontram-se já bastantes em todas as immedições da Praça Nova, mas pouco arrebanhados. Pareceram-me comtudo mais faceis de domesticar. Já ouvi emitir a opinião de que a raça é uma só, e que os do Porto são restos de uma grande emigração que houve de Lisboa, ha muitos seculos. Quando eu saía da igreja, em contemplação para os olhos adoraveis das minhas padeiras, encontrei um *Janota* dos de mais fina raça que tenho visto. Fiz todos os esforços para vêr se o domesticava, mas era indomavel. Confesso que tive tentações de mandar fazer uma grande montaria, para vêr se o apanhava vivo ou morto. Ainda no ultimo caso seria de um immenso valor para enriquecer um gabinete de historia natural.

O Porto ao domingo é a terra mais propria que ha para moer a paciencia humana. Felizmente ou infelizmente para mim as reliquias dispersas de uma companhia de funambulos tinham-se reunido e anunciado um espectáculo surprehendente. Depois do jantar, que foi ás duas horas, para não ír de encontro aos habitos da terra, fiz a minha entrada no circo para assistir ás *habilidades* dos saltimbancos. Oh! picaresco, e nunca assaz louvado Scarron, que te faltaram estes para figurar nas ridiculas aventuras de teus immortaes romances! Quatro figuras estupendas, com as caras abysmadas em alvaiade e vermelhão, andavam aos saltos fazendo visagens ao povo, que ria e applaudia com grande satisfação! Que bom povo! Que santo povo! Disse eu comigo. E queixam-se d'elle! Barbaros! Dêem-lhe d'isto, se querem alcançar triumphos. O povo é o mesmo em toda a parte; com bem pouco se contenta e quasi sempre está descontente! Porque será? Leitor, se és philosopho, faz tuas considerações, que ahi te deixo materia para um volume; se o não és continúa a lêr para diante, e não te mettas a politico. É uma doença a politica, que te podia tornar hydrophobo. Deus afaste sempre essa peste para bem longe da minha porta!

Fugi dos palhaços e fui direito ao Jardim de S. Lazaro. É um pequeno parallelogramo cercado de grades de ferro, dentro do qual vegetam algumas arvores e flores vulgares. Sem ser grande é comtudo o melhor passeio da cidade, e tem presidido o bom gosto aos melhoramentos que se estão ali fazendo todos os dias. Não succede o mesmo com o passeio das Fontainhas, tão aprasivel, sobre tudo no outono, pela sua situação na encosta de um monte que fica sobranceiro ao Douro. Nem flores, nem outros cuidados tem merecido este passeio sombreado por alguns alamos que vão caíndo de velhos! Ali me fui eu sentar algumas vezes sobre um banco de pedras formosissimas tardes de setembro, e ali passava horas esquecidas todo entregue ás saudades do passado e aos cuidados do futuro. O sol ia desaparecendo no horisonte, e os seus ultimos raios batendo em cheio nos vidros quebrados do convento da Serra do Pilar, que fica do outro lado do rio, illuminavam parte do theatro onde se tinha representado uma grande scena d'essa illiada de 1832. Esses vi-

dros estão ainda quebrados pelas balas, não foram renovados, talvez de proposito, para memoria dos feitos que ahi se praticaram! O meu espirito embebia-se todo n'essas recordações da minha infancia; e quando as sombras do crepusculo começavam a esconder-me o convento da Serra por entre as nevoas que todas as noutes se levantam das aguas do Douro, parecia-me vêr passar os numerosos personagens do drama que ali se representou ha mais de vinte annos! Tinha presentes na minha memoria todos os individuos e todas as cousas que elles fizeram. Que batalhas se pelejaram! Que actos heroicos se praticaram de parte a parte! Que fraquezas tambem!... Que de sangue derramado! que de martyres! Oh! quanto custa a um paiz a substituição de um systema, o triumpho de uma idéa nova! Com quantas lagrimas e com quanto sangue se rega o caminho por onde passam os primeiros elementos da civilisação moderna!...

Quando nascia a lua, parecia-me vêr ainda aavez do nevoeiro as primeiras sentinellas da Serra do Pilar encostadas aos caños das espingardas! E já lá vão tantos annos! Parte dos principaes actores d'essas scenas desapareceram já. A geração nova quasi que se ergueu do berço para ajoelhar sobre um campo de batalha junto aos cadaveres de seus paes!

Quando ás oito horas o navio do registro dava um tiro de peça ao toque de recolher, acordava eu d'estas melancholicas reflexões; mas, ainda sob a impressão do sonho, parecia-me que eram as baterias da Serra que principiavam o fogo!

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

#### GRANDES CALORES.

A TEMPERATURA mais elevada que o homem pode supportar durante um certo tempo, varia conforme os temperamentos, entre 40 a 45 graus. Em temperatura menos elevada dão-se accidentes funestos, como prova a experiencia; em taes condições resulta a morte em consequencia de fortes congestões cerebraes. A sobriedade tanto na comida como em bebida, é o mais certo preservativo contra o perigo dos intensos calores prolongados.

Mencionaremos as epochas de excessivos calores no seculo actual.

O anno de 1811 foi quentissimo e os vinhos saíram deliciosos.

Em 1818 o demasiado calor obrigou a fechar os theatros durante um mez em França e n'outros paizes. O *maximum* do calor chegou a 35 graus.

Em Lisboa no anno de 1819, nomeadamente no dia 14 de julho sentiu-se um calor extremo. Porém, ainda foi maior em julho de 1824 nos dias 17 e 20. O thermometro, dentro de casa á sombra e na cidade baixa marcou de 84 a 88 graus de Fahrenheit em diversas horas: no dia 19 ao meio dia mostrou 90 graus sob as mesmas condições, ás 4 horas estava em 92 e ás 5  $\frac{1}{2}$  em 94; o suão abafava, e com poucas variações para menos se conservou assim na maior parte do dia 20, em que começou a soprar um vento refrigerante.

Em julho de 1830, sobre tudo nos dias 27 a 29, e em 5 e 6 de junho de 1832 houve fortes calores, marcando os thermometros n'algumas localidades 35 e 36 graus centigrados. Sentiram-se igualmente excessivos no verão de 1835. Em junho de 1850 houve alguns dias mui calorosos.